
Região Nordeste do Brasil e Integração Comercial com o Mercosul: parceria sustentada?

Francisco Laércio Pereira Braga¹

Maria Cristina Pereira de Melo²

Diego Rodrigues Holanda³

Resumo: O artigo teve como objetivo analisar o comércio exterior da Região Nordeste sob a ótica da natureza e da intensidade tomadas pelas transações comerciais externas regionais no período de 2002 e 2014 face ao comportamento do parceiro comercial MERCOSUL. O comércio exterior regional foi analisado através de indicadores como saldo da balança comercial, corrente de comércio, índice de concentração, taxa de cobertura relativa das importações, coeficiente de especialização, *market share* e contribuição ao saldo da balança comercial. O comércio exterior da Região com o Bloco, ao longo dos anos, mostrou vantagem comparativa revelada particularmente para o estado do Maranhão, contudo, os estados do Ceará e Bahia vem conseguindo, de forma mais modesta, aumentar a competitividade de seus produtos direcionados ao MERCOSUL, sendo automóveis e calçados os principais responsáveis por tal comportamento. A Argentina apareceu como principal destino das vendas regionais para os setores citados, mostrando relativa fragilidade e dependência.

Palavras-chave: Competitividade internacional. MERCOSUL. Região Nordeste do Brasil.

Classificação JEL: F14

1 Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará.

2 Professora titular Universidade Federal do Ceará.

3 Mestre em Economia Rural na Universidade Federal do Ceará.

Northeast Region Brazil and Commercial Integration with MERCOSUL: partnership sustained?

Abstract: *This article was to analyze the foreign trade of the Northeast from the perspective of nature and intensity taken by international commercial transactions in the period 2002 and 2014 as result of the MERCOSUL trading partner. The regional foreign trade was analyzed by indicators such as the trade balance, trade flow, concentration ratio on coverage rate of imports, coefficient of specialization, market share and contribution to the trade balance. The foreign trade of the region with the block, over the years, showed revealed comparative advantage particularly for the state of Maranhão, however, the states of Ceará and Bahia has managed, more modestly, to increase the competitiveness of its products targeted to MERCOSUL, like: cars and shoes the main products responsible for such behavior. Argentina appeared as main destination of regional sales for the mentioned sectors, that shows a relatively weak in front of this dependency.*

Keywords: *International Competitiveness. MERCOSUL. Northeast Region of Brazil.*

JEL: F14

1 Introdução

O comércio mundial, no período 2002-2014, passou por fortes flutuações nas taxas de crescimento, enquanto a produção mundial manteve, pelo menos até 2008, taxas de crescimento mais estáveis. Elemento-chave para compreender a diferença relevante registrada entre as taxas de crescimento da produção e do comércio, nesse período, está associado à expansão da cadeia global de suprimentos e à composição do produto no comércio mundial. A amplitude do colapso do comércio, em 2009, pode ser explicada pela contração da demanda global cuja causa primeira estava no estouro da bolha do *sub-prime* nos Estados Unidos que apareceu, em 2007, e se aprofundou em finais de 2008 (World Trade Organization, 2013).

Os mesmos fatores que contribuíram para a forte depressão do comércio mundial, em 2009, impulsionaram a retomada das transações comerciais em 2010, ou seja, o recorde na taxa de crescimento anual do comércio mundial, nesse ano, foi fruto da dinâmica comercial ocorrida tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento e estava relacionado, em

grande medida, à expansão da cadeia global de suprimentos e à composição do produto no comércio mundial (Melo, Braga & Holanda, 2014).

Neste contexto, assistiu-se ao crescimento do comércio externo brasileiro, paralelamente, ao incremento do comércio mundial nos anos 2000. O Brasil registrou, entre 2002 e 2008, trajetória ascendente no volume de comércio externo apoiada, sobretudo, na expansão das exportações. A Região Nordeste, por sua vez, apresentou-se, entre 2002 e 2014, menos aberta ao comércio exterior que a economia brasileira como um todo, guardando, no entanto, as especificidades das economias dos Estados que a compõem. Diante desse panorama, observou-se que o desempenho das exportações nordestinas seguiu a movimentação da economia nacional e respondeu ao dinamismo da economia mundial, que refletiu no comportamento de seus principais parceiros, entre eles, o MERCOSUL, o qual apresentou crescimento em suas exportações mundiais nos últimos anos.

Assim, o estudo objetiva analisar o comércio exterior da Região Nordeste sob a ótica da natureza e da intensidade tomadas pelas transações comerciais externas regionais no período de 2002 e 2014 face ao comportamento do parceiro comercial MERCOSUL. Interessou-se, também, qualificar a trajetória do comércio da Região Nordeste a partir da movimentação ocorrida na demanda, tendo em vista as características dos produtos expedidos pela Região para esse mercado.

A justificativa para o estudo comparativo do comércio bilateral entre a Região e o Bloco pauta-se, primeiramente, pela participação significativa e tradicional do comércio de três estados nordestino com o Bloco, sendo eles Bahia, Pernambuco e Ceará. Segundo, os principais setores de destaque no comércio regional são automóveis e calçados, que vêm, desde 2012, registrando perda de participação no volume exportado devido a fatores políticos e econômicos, além de barreiras impostas aos produtos brasileiros pela Argentina, que pode, no médio e longo prazo, influenciar negativamente a inserção da Região no Bloco. Assim, espera-se, ao final, verificar se está ocorrendo fortalecimento, manutenção ou retração do comércio bilateral entre o Nordeste e o MERCOSUL.

Neste contexto, o artigo inicia-se com esta introdução e com um resgate teórico da importância do comércio externo para o crescimento regional e a trajetória do comércio externo brasileiro com o MERCOSUL, na perspectiva geral de suas características no período de 2002-2014. Em seguida, expõem-se os aspectos metodológicos adotados com ênfase nos indicadores utilizados para construir os resultados do trabalho. Na terceira etapa, está o panorama geral do comércio externo da Região com o Bloco, em particular, com foco na dinâmica alavancada pelo parceiro. Por fim, estão as notas conclusivas.

2. Referencial Teórico

2.1 Comércio Externo como Instrumento Dinamizador Regional

No início do século XIX, o modelo Ricardiano alegava que as relações comerciais entre nações ocorreriam segundo o princípio das vantagens comparativas, e não absolutas, ou seja, os países exportariam (importariam) bens produzidos onde o trabalho fosse relativamente mais (menos) eficiente, de modo que o comércio seria favorável mesmo para um país que fosse mais (menos) eficiente em todas as linhas de produção (Moreira, 2012). Assim, o modelo é capaz, portanto, de mostrar como as diferenças entre os países produzem o comércio e os seus ganhos.

Com a criação das instituições de Bretton Woods e do Plano Marshall, na segunda metade do século XX, observou-se gradativa e intensa liberalização comercial, em que crescimento e comércio proporcionaram janelas de oportunidades recíprocas para as mais diversas economias do mundo, pois vivenciou-se um processo de retroalimentação entre essas duas variáveis. Dessa forma, nos anos de 1980 e 1990, os argumentos referentes ao comércio internacional foram resgatados e reformulados diante do processo de liberalização econômica dos mercados (Sarquis, 2011).

Deve-se ressaltar, segundo Munduruca & Santana (2012), que a dinâmica do comércio exterior vai além do simples processo de compra e venda de mercadorias entre residentes e não-residentes de uma determinada economia, pois pode representar um fator preponderante para o alcance do desenvolvimento de determinadas economias nacionais ou regiões. Neste caso, uma região que esteja sujeita à influência do comércio internacional pode utilizar-se do mesmo para potencializar sua capacidade de vender produtos no mercado e obter, como consequência, instrumentos importantes para atingir o crescimento econômico, desde que, segundo os autores, tal atividade sirva de suporte para a expansão da região exportadora.

A expansão das exportações, por exemplo, é capaz de gerar efeito multiplicador sobre as atividades do mercado interno não-exportador, influenciando positivamente no setor terciário da economia de um país ou região, sobretudo das economias pequenas, por meio da criação de demanda por serviços e, proporcionando com isso, o incremento dos níveis de renda e de emprego da população (Munduruca & Santana, 2012).

Assim, a importância do comércio externo no processo de crescimento econômico de um determinado país ou região é destacada pela Teoria da Base de Exportação e pela Teoria da Base Econômica. O primeiro tenta explicar o desenvolvimento de uma determinada região ou local baseado nas expor-

tações, tornando-se, portanto, a primeira teoria de crescimento regional a inserir a exportação como variável chave para o alcance do crescimento. Nessa perspectiva, o aumento da produção das atividades voltadas à base exerceria efeito multiplicador sobre as atividades não básicas (Oliveira, Nobrega & Medeiros, 2012). A segunda teoria, por sua vez, diz que quando se tem a intenção de estudar uma determinada região, um dos problemas fundamentais encontrado é compreender suas relações com as demais regiões do sistema nacional e com o exterior e, esta teoria, é a mais simples para explicar essas relações (De Souza, 1980).

Diante deste contexto, atualmente prevalece a ideia de que uma economia pode auferir benefícios consideráveis do comércio exterior, dado pelas vias conjuntas do comportamento das variáveis exportações e importações. Predominando, portanto, a existe de uma correlação entre nível de desenvolvimento econômico e o grau de inserção comercial ou de abertura econômica, no qual observa-se que um maior grau de inserção impacta positivamente no desenvolvimento de uma determinada região ou localidade (Sarquis, 2011).

Considerando a importância do comércio exterior, em especial das exportações, para motivar o crescimento econômico de uma região, é relevante pensar nos fatores que podem determinar a expansão das exportações. Aliada à relevância dessa variável, a análise da competitividade das exportações assume valor determinante e estratégica dentro deste panorama. A teoria convencional do comércio internacional baseia-se no princípio das vantagens comparativas proposto por D. Ricardo, em 1817 (Munduruca & Santana, 2012).

Os índices de competitividade revelam, portanto, o nível das exportações de determinado país ou região em relação a sua pauta, bem como a comparação do bem entre diferentes países e permite, ainda, definir o padrão de especialização do país em nível internacional e interno. A formulação do índice de vantagens comparativas apresenta-se como uma boa ferramenta à medida que possibilita a análise dos fatores explicativos do comércio de cada país ou região.

Desta maneira, a identificação dos setores e produtos que detêm vantagem comparativa no comércio exterior é de suma importância para a formulação de estratégias de crescimento e bem-estar econômico de uma determinada região ou país, onde a determinação de tais mercadorias permite estabelecer estratégias eficientes de inserção internacional.

2.2 Evolução da relação comercial do Brasil com o MERCOSUL nos anos 2000

Nos anos 1990, presenciou-se forte modificação no sistema de comércio inter-

nacional. Exatamente, nesta época, ocorreu o aprofundamento do processo de liberalização comercial e a formação dos blocos regionais de comércio. Nesse contexto, constituiu-se o bloco econômico denominado Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) com quatro países membros: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai (Brasil, 2014).

Diante de outras iniciativas frustradas de integração sul americana, a constituição do MERCOSUL, na década de 1990, representou certa ruptura na trajetória da economia regional. Sem dúvida, a partir desse momento, ocorreu expansão significativa dos fluxos comerciais e importante processo de reestruturação produtiva em nível regional. Em 1991, data da assinatura do Tratado que criou o MERCOSUL, a corrente de comércio entre o Brasil e o Bloco somou US\$ 2,3 bilhões. Em 2011, essa corrente chegou a US\$ 27,8 bilhões, o que representou aumento de 1.200% nesse intervalo de tempo (World Bank, 2015).

A participação do PIB dos países membros no PIB do Bloco comportou-se de maneira distinta com forte presença do PIB brasileiro, o qual sustenta média anual de 81% de parcela nos anos 2000, seguido pela participação argentina no PIB do MERCOSUL, que expressou média anual de 17% no período e trajetória descendente na segunda metade desse mesmo período, invertendo-se a partir de 2012. A participação do PIB do Paraguai e do Uruguai foram bem menos significativos em relação aos outros dois países: em média, o Paraguai correspondeu a menos de 1% e o Uruguai participou com média anual de 1,5% durante o decênio (World Bank, 2015).

O comércio exterior do Brasil com o MERCOSUL, no período 2002 – 2014, apresentou trajetória ascendente, tanto em relação às exportações quanto às importações globais, o que fez o saldo seguir a mesma tendência. O valor total das vendas brasileiras ao Bloco apresentou incremento de 515% entre as duas pontas do período, enquanto as compras oriundas daí elevaram-se em 208%. A evolução da corrente de comércio brasileiro com o MERCOSUL seguiu tendência de elevação ao longo dos anos. O fluxo de comércio brasileiro com a região foi bem mais elevado, registrando aumento de 322% nas duas pontas do período, o que evidenciou maior fluxo com a região no período. Deve ser mencionado, a priori, que o Bloco vem despontando como principal destino das exportações de produtos brasileiros, principalmente de produtos de maior valor agregado, como será mencionado mais a diante (Brasil, 2015b).

Quando se observaram as exportações brasileiras para o MERCOSUL por fator agregado, tornou-se possível revelar a composição da pauta e identificar aquelas mercadorias que possuíam vantagem comparativa dentro da Região. Notou-se, primeiramente, que produtos básicos, ou seja, aqueles de baixo valor agregado, produtos da atividade mineral e agrícola, perderam espaço ao longo dos anos, chegando a participar com apenas 14% em 2014. Um segundo evento observável foi a queda de participação de produtos semimanufaturados, ou seja, produtos que já passaram por alguma transformação e tiveram relativa agregação de valor, como sucos de frutas, couro, etc. E, por fim,

verificou-se que produtos manufaturados perderam participação, embora já mantivessem parcela bastante elevada na pauta de exportação brasileira para o Bloco, ou seja, mais de 80%, neste caso a maior expressão foram os veículos automotivos. Assim, constata-se que o mercado comum sul-americano vem comprando grande parcela de produtos manufaturados brasileiros exportados para o mercado internacional (Brasil, 2015a).

Os comportamentos em valores monetários tanto das exportações quanto das importações brasileiras para o MERCOSUL seguiram a mesma tendência de crescimento ocorrido com o comércio mundial e queda em anos específicos, o que expressa relativa dependência das variáveis em relação aos fatores externos do mercado, fossem eles políticos ou econômicos (Brasil, 2015b).

Deve-se reforçar que, a partir de 2012, ocorre inflexão nas exportações brasileiras para a Argentina, revertendo a tendência de alta da primeira metade do período analisado. Essa tendência de baixa, com a conseqüente redução do saldo comercial, foi devido, primeiramente, à diminuição das exportações brasileiras e do aumento das importações originárias da Argentina. Um dos fatores que explica esse comportamento está associado a fortes barreiras comerciais colocadas por parte da Argentina, como, por exemplo, a necessidade de licença prévia para importações, que são demoradas e seguram o livre comércio. O aprofundamento da crise econômica argentina pode ser apontado, também, como responsável, em grande parte, pela retração das vendas de dois setores brasileiros, automóveis e calçados, para este destino. A situação do setor automobilístico, por exemplo, tende a se agravar a partir de 2014 com o fim do Acordo Automotivo com a Argentina, enquanto o setor calçadista sofrerá com as barreiras comerciais que estão se tornando frequentes, e a cada dia tendem aumentar, fazendo com que as empresas brasileiras encontrem grandes dificuldades para introduzir seus produtos (Tremea, Consolmagno & Machoski, 2014).

Por fim, outra variável importante para o recuo das vendas brasileiras foi a intensidade da entrada de mercadorias da China no mercado argentino, que hoje já se configura como principal parceiro comercial do país. De um modo geral, todos os membros do MERCOSUL passaram, nos últimos anos, a serem considerados pelos chineses parceiros estratégicos, em especial a Argentina; essa prática poderá comprometer, no médio e longo prazo, a integração das cadeias produtivas do próprio bloco econômico (Bennati, 2011).

3. Notas Metodológicas

O período em análise corresponde a 2002-2014, período que abrange momentos distintos da economia mundial. O primeiro momento corresponde à fase da expansão do comércio internacional, a entrada da China como importante

parceiro comercial do país, por exemplo, e a forte demanda internacional por *commodities* agrícolas e metálicas. O segundo momento corresponde à crise internacional, os efeitos nos diversos mercados mundiais e a consolidação da China como importante *player* no comércio mundial.

A análise do comportamento das pautas de exportações e importações no período evidenciado entre a Região e o MERCOSUL será desenvolvida a partir dos seguintes passos:

- a) Exposição da evolução do panorama geral do comércio da região Nordeste com o Bloco, por meio do comportamento das exportações e importações regionais;
- b) Identificação da participação regional das exportações e importações por estados do Nordeste, identificando, assim, os representativos no comércio bilateral;
- c) Análise dos resultados dos indicadores de competitividade revelada entre 2002 e 2014;
- d) Qualificação da pauta setorial da região Nordeste com MERCOSUL, com a identificação dos principais setores, produtos e destinos.

As teorias ligadas às vantagens comparativas foram abordadas no decorrer da história econômica. Bela Balassa, em 1965, seguiu a teoria clássica do comércio internacional de David Ricardo, utilizando o índice de vantagens comparativas reveladas (VCR) para verificar e medir o nível competitivo ou as vantagens comparativas de um país. A Vantagem Comparativa Revelada (VCR), proposta usa dados de preços pós-comércio, ou seja, para seu cálculo os dados observados são *ex-post* ao comércio (Siqueira & Pinha, 2011).

Os principais indicadores de competitividade revelada utilizados no trabalho são: o coeficiente de especialização relativa das exportações (CSX) que expressa a participação das exportações do setor *s* no total da pauta das exportações da economia *i* e orienta a classificação dos setores (Balassa, 1977). Utilizado também para a análise das importações (CSM), representado como se segue:

$$CSX = \frac{X_{si}}{X_i} \qquad CSM = \frac{M_{si}}{M_i}$$

O nível de concentração das exportações e importações de uma economia, dado pelo ICX e ICM, respectivamente, é um importante norteador na análise da vulnerabilidade de seu comércio externo, tendo em vista que, quanto mais concentradas estiverem as exportações em poucos setores, mais a economia estará sujeita às flutuações de demanda, o que pode implicar mudanças bruscas nas suas receitas de exportação. Maior concentração na pauta exportadora de uma economia reduz, ainda, as potencialidades de expansão do comércio

e compromete o setor externo, uma vez que o desempenho fica associado a poucos setores e/ou poucos destinos (Michaely, 1997). Análise similar pode ser feita para o índice de concentração das importações (ICM). Usou-se o coeficiente de Gini-Hirschman, expresso da seguinte maneira:

$$ICX = 100 \sqrt{\sum_s \left(\frac{X_s}{X} \right)^2} \qquad ICM = 100 \sqrt{\sum_s \left(\frac{M_s}{M} \right)^2}$$

O indicador de comércio intrasetorial (IS) utilizado para estimar a intensidade das trocas de produtos do mesmo setor é coeficiente Grubel-Lloyd (1975) e é apresentado como se segue:

$$IS = \left\{ 1 - \left[\frac{\sum |X_s - M_s|}{\sum (X_s + M_s)} \right] \right\} 100$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e M_i as importações do setor i .

O IS fornece a medida do comércio intrasetorial para o conjunto do setor industrial e não do produto. Esse indicador varia de grandeza de 0 a 100. Um valor próximo de 100 expressa comércio intrasetorial muito elevado, o que significa que quase todo o comércio é intrasetorial e, neste caso, as vantagens comparativas não explicam as trocas. Estas estão associadas às economias de escala e ao grau de diferenciação dos produtos. Quando o indicador aproxima-se de zero, fica evidenciado que as trocas se relacionam às fontes tradicionais de vantagens comparativas, isto é, à dotação de fatores. Vale ressaltar que esse indicador expressa o total das trocas ocorridas dentro do mesmo setor, seja o comércio de bens intermediários contra bens finais como também trocas de produtos com variedade ou qualidade diferente. O comércio intrasetorial estabelecido entre duas economias é definido a partir das transações de exportação e importação efetuadas simultaneamente com produtos pertencentes ao mesmo setor. O comércio intrasetorial reflete, ainda, as economias de escala presentes em cada economia (Krugman & Obstfeld, 2005).

A taxa de cobertura das importações (TCM) é uma medição de vantagens comparativas reveladas que contempla também o comportamento das importações. É uma medida relativa da região j ao país p e do estado i à região j . Quando este indicador for maior que a unidade para o estado i , identifica-se vantagem comparativa em termos de cobertura das importações mediante à região j . As exportações desse estado i teriam dimensão maior diante de suas importações ao se compararem com a mesma relação para a região j , onde:

$$TCM_{ij} = \frac{X_i / M_i}{X_j / M_j}$$

O indicador de *Market-Share* (MS) avalia a participação da corrente de comércio mundial do estado *i* no volume de comércio mundial da região *j*. Aplicou-se, também, como medida relativa da participação do volume de comércio mundial da região *j* ao comércio mundial brasileiro, expresso como:

$$MS_{ij} = \frac{X_i + M_i}{X_j + M_j}$$

O indicador de contribuição ao saldo da balança comercial (CSBC) também mede vantagens comparativas reveladas pelo comércio exterior dos estados. É uma comparação do saldo comercial observado de um determinado estado com o que seria obtido se o saldo comercial global da região estivesse proporcionalmente (ponderado pela participação do total do comércio do estado no total do comércio regional) distribuído entre os diversos estados. Sendo o resultado positivo, o estado em questão contribui acima do esperado teoricamente, sendo negativo revelaria desvantagem comparativa (Lafay, 1990). Este indicador é também utilizado para medir a contribuição em nível de setor, obedecendo a lógica da expressão abaixo:

$$CSBC_{est} = 100 * \frac{X_{est} - M_{est}}{1/2(X_{ne} + M_{ne})} - 100 * \frac{X_{ne} - M_{ne}}{1/2(X_{ne} + M_{ne})} * \frac{X_{est} + M_{est}}{(X_{ne} + M_{ne})}$$

Assim, de posse das análises dos indicadores citados, será possível identificar se as vendas da Região para o Bloco vêm acompanhando o movimento crescente do comércio regional, ou seja, se está ocorrendo ocupação do espaço em segmentos considerados de demanda crescente ou desperdiçando esforço competitivo em setores com demanda decadente.

A fonte e origem dos dados e informações para o cálculo de indicadores de comércio externo brasileiro e regional serão obtidos por meio do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), através do sistema Alice, o qual classifica os setores em dois dígitos (01 a 99) e segue a metodologia da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), utilizada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio. Utilizaram-se, ainda, indicadores de comércio construídos e consolidados pela Fundação de Comércio Exterior (FUNCEX).

4 Região Nordeste e MERCOSUL: avaliação comercial global e setorial

O comércio da região Nordeste com o MERCOSUL, ao longo do período em análise, seguiu tendência ascendente, tanto em relação às exportações quanto às importações. As exportações registraram elevação de 275% e as importações de 180%, de 2002 para 2014. No intervalo de 2002-2007, ocorreu aumento de 260% nas exportações direcionadas ao MERCOSUL e, de 2008 para 2014, as exportações tiveram comportamento inverso, com sensível queda. Este resultado foi fortemente influenciado pelas retrações significativas no valor registrado no ano de 2009, quando houve redução de 32% em relação ao ano anterior, efeito da crise internacional no comércio do Bloco e de 2014, ano em que ocorreu queda de 30% em relação ao ano anterior (Figura 1).

FIGURA 1 – NORDESTE - MERCOSUL: EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES, SALDO DA BALANÇA COMERCIAL E CORRENTE DE COMÉRCIO (2002 – 2014) (US\$ MILHÃO)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

De seu lado, as importações oriundas do MERCOSUL, cresceram 74% entre 2002 e 2007, percentual este que se reduziu no período 2008-2014, quando o incremento foi de 31%. No entanto, apesar do crescimento das importações ter ocorrido de maneira mais lenta do que as exportações, as compras oriundas do Bloco superaram às vendas em valores, principalmente após 2006. O saldo da balança comercial foi positivo apenas em dois anos, 2005 e 2006, tornando-se negativo nos anos seguintes. A partir de 2008, a tendência deficitária intensificou-se e chegou no maior valor negativo em 2012, US\$ 969,18 milhões.

Entretanto, mesmo ocorrendo aumento no déficit do saldo da balança comercial da Região com o MERCOSUL, a corrente de comércio entre os dois

parceiros seguiu tendência crescente ao longo de todo decênio, com elevação de 210%, tomando por base os dois extremos do intervalo de tempo analisado. Este crescimento mostrou que a relação de comércio entre esses parceiros aumentou ao longo dos anos, o que poderia indicar mercado promissor para a região Nordeste.

No que tange ao índice de concentração das exportações (ICX) para o MERCOSUL, em comparação com o mesmo índice referente às exportações totais da Região, revelou que as vendas para esse destino apresentaram-se mais diversificadas no fim do período, isso demonstra que ocorreu desconcentração nessa pauta. De fato, em 2002, o índice era de 40 e caiu para 36 em 2014, manifestando desconcentração na pauta setorial das vendas nordestinas, o que tornou o comércio regional, em certa medida, menos dependente das variações de demanda do Bloco sul americano. Já o índice de concentração das importações passou, no período, por um processo de concentração em direção ao último ano. Em 2002, o ICM das importações da Região apresentou valor de 45 e atingiu 65 em 2014, o que evidenciou forte concentração das compras oriundas do Bloco (Figura 2). Esse índice pode revelar maior dependência da Região por produtos advindos do continente sul americano consubstanciados, neste caso, em veículos e cereais.

FIGURA 2: NORDESTE – MERCOSUL: ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES (ICX), DAS IMPORTAÇÕES (ICM) E DE COMÉRCIO INTRASECTORIAL (IS) (2002 E 2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

Assim, nota-se que a Região possui tendência a desconcentração em setores exportados para o MERCOSUL e que, nos últimos anos, tinha aproveitado novas janelas de oportunidades neste comércio bilateral, o que indica espaços importantes a serem ocupados. Contudo, devido às barreiras que estão sendo impostas aos produtos brasileiros pelo mercado argentino, grande consumidor dos produtos da região Nordeste, aliadas à entrada dos produtos chineses na economia sul-americana, poderá ocasionar perdas de oportunidades e redução significativa das exportações nordestinas para esse País.

No que diz respeito ao indicador de comércio intrasetorial (IS), constatou-se que ocorreu elevação no seu valor, passando de 15 para 27 de 2002 para 2014. Nesse caso, o valor apontou que as trocas comerciais entre os dois parceiros estavam mais próximas às relações intersetoriais no início do período e, portanto, refletiam, com maior intensidade, vantagens comparativas associadas à dotação de fatores. Em 2014, as trocas intraindústria passaram a ocorrer em maior grau. Vale lembrar que esse indicador expressa o total das trocas ocorridas dentro do mesmo setor.

Ao se considerarem as participações estaduais das exportações para o MERCOSUL, constatou-se a representatividade de quatro Estados, tanto em 2002 quanto em 2014, foram eles: Bahia, Maranhão, Ceará e Pernambuco, que, juntos, responderam, em 2002, por 98% do valor total exportado pela Região para esse destino. Em 2014, os mesmos Estados concentraram 97% das vendas externas, estando, assim, distribuídas: Bahia (68,3%), Pernambuco (73,9%), Ceará (8%) e Maranhão (7,24%). Os Estados do Ceará e de Pernambuco, ao longo do tempo, ganharam participação nas exportações nordestinas para esse Bloco, tendo sido o avanço do Estado de Pernambuco o mais expressivo, cerca de 108%; enquanto o Estado do Maranhão perdeu participação em cerca de 53% (Tabela 1).

TABELA 1 - ESTADOS DO NORDESTE - MERCOSUL: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES (2002/2014) (PARTICIPAÇÃO REGIONAL)

Estado	Exportação		Importação	
	2002	2014	2002	2014
Alagoas	0,0039	0,0003	0,0092	0,0112
Bahia	0,6917	0,6837	0,5257	0,6273
Ceará	0,0650	0,0807	0,1503	0,0455
Maranhão	0,1542	0,0724	0,0133	0,0170
Paraíba	0,0031	0,0104	0,0071	0,0401
Pernambuco	0,0667	0,1389	0,2449	0,2404
Piauí	0,0003	0,0008	0,0012	0,0010
Rio Grande do Norte	0,0121	0,0112	0,0195	0,0099
Sergipe	0,0029	0,0016	0,0289	0,0076
Nordeste	1,0000	1,0000	1,0000	1,0000

Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

Quanto às compras da Região oriundas do MERCOSUL, observou-se que estas, também, estavam concentradas nos quatro Estados mencionados acima,

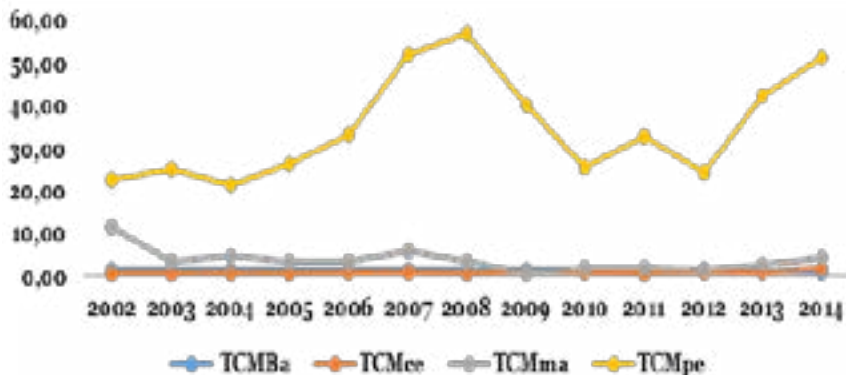
que totalizaram participação de 93% de todas as aquisições realizadas pelo Nordeste tanto em 2002 quanto em 2014. Contudo, importante fazer menção à leve perda de participação registrada na pauta importadora regional pelos Estados do Ceará e de Pernambuco, assim como o ganho obtido pelos Estados da Bahia e Maranhão, de um extremo ao outro do período observado.

O comportamento das exportações e importações dos quatro Estados do Nordeste, que mantiveram relação de comércio com maior intensidade com o MERCOSUL, permitiu visualizar aqueles que mais contribuíram para o comércio da Região no intervalo analisado. Pelo lado das exportações, o Estado da Bahia foi o de maior peso no valor das vendas nordestinas para o Bloco. Com relação às importações, o Estado da Bahia e de Pernambuco foram os que mais adquiriram mercadorias nos dois anos das pontas do período. (Brasil, 2015b).

Deve-se ressaltar que o peso baiano nas vendas nordestinas para o Bloco é composto por uma pauta bem mais diversificada que as demais economias nordestinas, pois é formada por produtos de maior valor agregado, ou seja, bens produzidos sob condições de média alta, média baixa e baixa intensidade tecnológica. Nos casos maranhense e pernambucano, as exportações estão concentradas em produtos de média baixa e baixa intensidade tecnológica, enquanto, por exemplo, na economia cearense, predomina exportações sob condições de baixa intensidade tecnológica (Melo, 2007).

Ao se analisar a taxa de cobertura das importações (TCM), nota-se que as exportações dos Estados selecionados para o Bloco apresentaram clara vantagem comparativa, entre o início e o final do período (2002-2014), para três deles, a saber: Pernambuco, que obteve taxa média de 34,95, o estado do Maranhão, com TCM média no valor de 3,70 e estado da Bahia, com taxa média de 1,35. Isto significa que as exportações estaduais para o MERCOSUL teriam dimensão maior, quando comparadas às importações do mesmo estado dessa origem, do que o mesmo indicador da região Nordeste. O estado do Ceará foi o que teve a TCM média do período menor dentre todos, com valor médio de 0,82, pode-se considerar, portanto, sem vantagem comparativa entre os anos referidos (Figura 3).

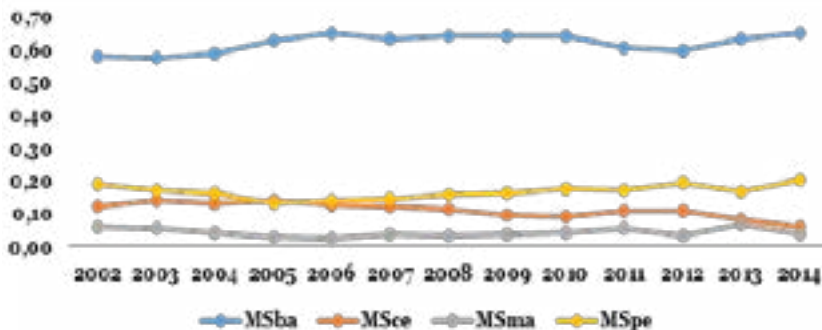
FIGURA 3: ESTADOS SELECIONADOS DO NORDESTE - MERCOSUL: TAXA DE COBERTURA DAS IMPORTAÇÕES (2002 - 2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

Como consequência do comportamento dos indicadores acima analisados, pode-se observar a participação do comércio mundial das exportações estaduais para o Bloco no comércio mundial da Região, como um todo, para o mesmo destino. Com isto, verificou-se que as exportações dos estados do Ceará e Maranhão despencaram em termos de vantagens comparativas, com um *market share* médio do período em torno de 11% e 4%, respectivamente. Enquanto que o MS dos estados da Bahia e Pernambuco registraram elevações nas participações entre 2002 e 2014. O primeiro registrou incremento mais expressivo em torno de 12%, saindo de uma participação de 58%, em 2002, para 65% em 2014. Já o segundo apresentou crescimento mais modesto, chegando a uma participação de 20% em 2014 (Figura 4).

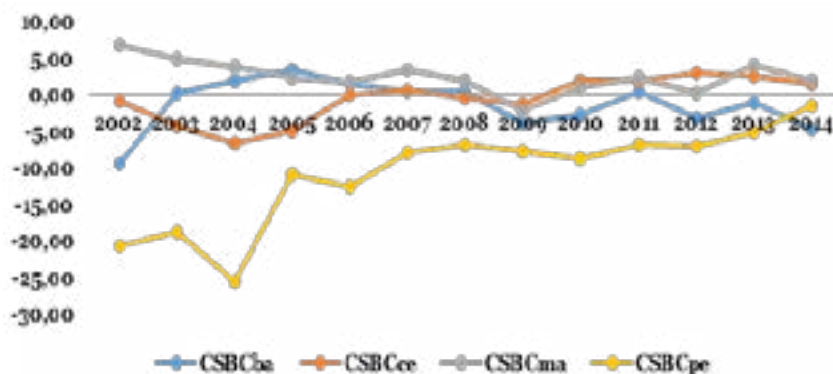
FIGURA 4: ESTADOS SELECIONADOS DO NORDESTE – MERCOSUL: MARKET-SHARE (2002 – 2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

De acordo com a Figura 5 é possível observar a contribuição das exportações estaduais direcionadas para o Bloco ao saldo da balança comercial para cada estado selecionado, e identificar em qual deles as mesmas contribuíram mais expressivamente. Portanto, dentre os principais estados, as exportações maranhenses registraram comportamento interessante ao longo do período, pois iniciou com contribuição ao saldo estadual elevado e caiu nos anos de 2003 e 2009, ou seja, perdeu vantagem comparativa. Entretanto, a contribuição ao saldo elevou-se até o último ano da série, indicando recuperação na vantagem comparativa.

FIGURA 5: ESTADOS SELECIONADOS DO NORDESTE – MERCOSUL: CONTRIBUIÇÃO AO SALDO DA BALANÇA COMERCIAL (2002 – 2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

As exportações cearenses elevaram sua contribuição ao saldo da balança comercial do Estado, saindo de contribuição negativa, em 2002, para 1,35% em 2014. O setor exportador pernambucano, por sua vez, foi o que mais aumentou a contribuição ao saldo do seu estado, no entanto, ainda apresenta baixa vantagem comparativa. Por fim, as exportações baianas também se mostraram com contribuição negativa nas duas pontas da análise, ou seja, as exportações para o Bloco contribuem negativamente para o saldo do estado.

3.1 Qualificação da pauta setorial

As transações comerciais da Região Nordeste com o MERCOSUL foram, aqui, examinadas a partir da dinâmica setorial desse comércio bilateral. Evidenciou-se, inicialmente, que um conjunto de doze setores exportadores da Região para o Bloco foi responsável por mais de 90% do valor das vendas totais para este destino em 2014. Dentre esses, estavam: veículos automóveis, tratores,

ciclos e outros veículos terrestres (87) com participação de 23%; produtos químicos orgânicos com parcela de 11,7%; e cobre e suas obras (74), que elevou participação de 0,5%, no início do período, para 10% em 2014 (Tabela 2).

Dentre outros setores que ganharam relativa importância na pauta de exportação da Região, destacaram-se os seguintes: calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes (64); combustíveis minerais (27); sabões, agentes orgânicos de superfície, preparações para lavagem (34); e borracha e suas obras (40). Já aqueles setores que perderam importância na pauta foram: produtos químicos inorgânicos (28); cacau e suas preparações (18); plásticos e suas obras (39); e produtos diversos das indústrias químicas (38).

TABELA 2 – NORDESTE - MERCOSUL: COEFICIENTE DE ESPECIALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS SETORES EXPORTADORES DE 2014 E 2002

Ranking	NCM	Setores	CS	
			2002	2014
1º	87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos	0,0612	0,2318
2º	29	Produtos químicos orgânicos	0,3364	0,1176
3º	74	Cobre e suas obras	0,0049	0,1056
4º	28	Produtos químicos inorgânicos;	0,1642	0,0795
5º	18	Cacau e suas preparações	0,0997	0,0790
6º	64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	0,0208	0,0762
7º	85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes.	0,0112	0,0485
8º	27	Combustíveis minerais, óleos Minerais	0,0115	0,0442
9º	39	Plásticos e suas obras	0,0653	0,0395
10º	34	Sabões, agentes orgânicos de superfície	0,0243	0,0341
11º	38	Produtos diversos das indústrias químicas	0,0323	0,0301
12º	40	Borracha e suas obras	0,0128	0,0239
Total			0,8448	0,9098

Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

A partir deste momento, passa-se a analisar a composição da pauta expor-

tadora regional por produto dos setores que ganharam destaque em 2014. Dessa forma, foi possível identificar as mercadorias de maior significância enviadas para aquele Bloco e, assim, obter análise mais detalhada. Os setores selecionados, pela ordem de importância, foram: veículos automóveis (87), produtos químicos orgânicos (29), cobre e suas obras (74) e calçados (64), que formaram o conjunto dos quatro principais setores naquele ano e que elevaram suas participações na pauta em relação a 2002.

O primeiro setor de análise foi o de veículos automóveis (87) e, conforme observado na Tabela 3, este foi o mais importante da pauta regional para MERCOSUL, respondendo por 23% de tudo que foi vendido para o Bloco em 2014. A pauta exportadora desagregada deste setor revelou que o produto automóveis com motor a explosão foi responsável por mais de 96% das exportações nesse ano. Cabe explicitar, inicialmente, que o principal Estado exportador deste produto foi a Bahia, e, segundo, esse setor apresenta-se como de fundamental importância, pois é uma característica positiva e indicativa de comércio interindustrial.

TABELA 3 – NORDESTE - MERCOSUL: EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS SEGUNDO SETOR (2014)

Nordeste: Produtos exportados para o Mercosul do setor (87)			
Produtos	Valor (US\$)	Xprod/Xtotset	Xprod/Xtotne
Automóveis c/ motor explosão	322.628.693	0,9687	0,2245
Demais produtos	10.109.081	0,0313	0,0073
Total do setor	332.690.513	1,0000	0,2318
Nordeste: Produtos exportados para o Mercosul do setor (29)			
Produtos	Valor (US\$)	Xprod/Xtotset	Xprod/Xtotne
Ácido tereftálico e seus sais	86.838.866	0,5305	0,0623
Metiloxirano (óxido de propileno)	37.283.623	0,2278	0,0267
Propilenoglicol (propano-1, 2-diol)	14.385.268	0,0879	0,0103
Demais produtos	25.188.493	0,1538	0,0180
Total do setor	163.696.250	1,0000	0,1176

(Continua)

(Continuação)

Nordeste: Produtos exportados para o Mercosul do setor (74)

Produtos	Valor (US\$)	Xprod/Xtotset	Xprod/Xtotne
Outros fios de cobre refinado	78.549.286	0,5346	0,0564
Fios de cobre refinado	68.161.722	0,4639	0,0489
Demais produtos	207.298	0,0014	0,0001
Total do setor	153.223.600	1,0000	0,1056

Nordeste: Produtos exportados para o Mercosul do setor (64)

Produtos	Valor (US\$)	Xprod/Xtotset	Xprod/Xtotne
Calçados cobrindo tornozelo, borracha/plástico	39.041.390	0,3683	0,0280
Calçados de borracha/plástico c/parte superior em tiras	34.753.059	0,3278	0,0249
Partes superiores de calçados e seus componentes	10.082.530	0,0951	0,0072
Calçados para outros esportes, de borracha ou plástico	6.626.405	0,0625	0,0047
Solas exteriores e saltos, de borracha ou plástico	2.577.641	0,0243	0,0018
Demais produtos	12.913.080	0,1218	0,0092
Total do setor	105.994.105	1,0000	0,0762

Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

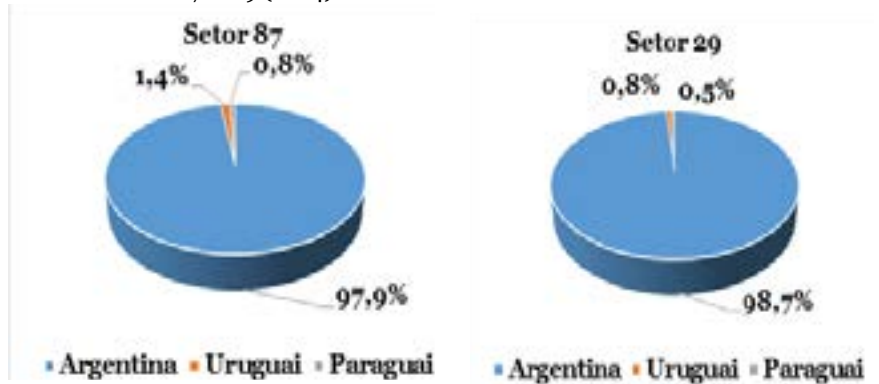
Com relação ao setor de produtos químicos orgânicos (29), dois produtos responderam por 76% da respectiva pauta setorial no mesmo ano, com destaque para, ácido tereftálico e seus sais, responsável pela parcela de 53% do total da pauta exportadora nordestina, seguido por metiloxirano com 23%. O principal Estado exportador dos dois produtos foi, outra vez, o estado da Bahia.

O terceiro setor em importância foi o de cobre e suas obras (74) e apenas dois produtos foram responsáveis por mais de 99% das exportações regionais para o MERCOSUL em 2014, foram eles: outros fios de cobre refinado e fios de cobre refinado. O primeiro citado respondeu por 53% das vendas externas desse conjunto para o Bloco referido, e 6% de tudo que foi exportado pela Região em 2014. O segundo produto participou com 46% das exportações do setor e 5% do total exportado pela Região, evidenciando a importância de ambos produtos na pauta regional. Novamente, o estado da Bahia apareceu como principal exportador regional para o Bloco.

Por fim, o quarto setor analisado foi o de calçados (64) e, neste, observou-se diversificação maior em termos de produtos exportados, pois cinco destes participaram com mais de 87% da pauta do referido setor naquele ano, com destaque para os seguintes: outros calçados cobrindo tornozelo, calçados de borracha e partes superiores de calçados, que participaram com 80% das exportações do setor e responderam por 6% do total exportado pela região Nordeste para o Bloco. Os principais Estados exportadores destes produtos foram Ceará e Bahia.

Com relação a identificação dos destinos dos principais produtos exportados, foi possível evidenciar os principais países parceiros da Região em 2014. Para tal, iniciou-se com os produtos do setor 87, dada a importância na pauta exportadora regional, constatou-se que a Argentina apareceu como principal destino das vendas, adquirindo 98% do valor total da pauta setorial. Da pauta exportadora do setor 29, a Argentina, novamente, comprou produtos nordestinos dessa pauta, que surgiu como principal compradora com 98,7% (Figura 6).

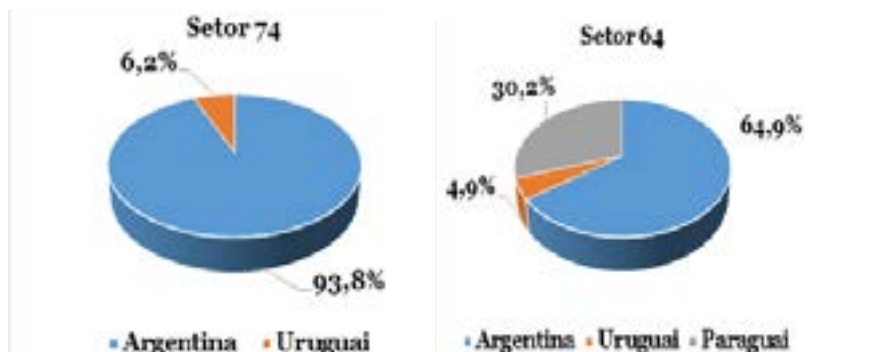
FIGURA 6 – NORDESTE - MERCOSUL: DESTINO DOS PRODUTOS EXPORTADOS DOS SETORES 87 E 29 (2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

Mesmo comportamento presenciado para o setor 74, pois as vendas externas regionais direcionaram-se, fundamentalmente, para a Argentina, que adquiriu 93,8% do valor total dos produtos do setor de cobre e suas obras enviados para o Bloco em 2014. No que diz respeito aos principais países compradores dos produtos pertencentes ao setor 64, percebeu-se que a Argentina e o Paraguai foram os principais destinos de calçados, comprando 65% e 30% dos produtos da Região em 2014, respectivamente. Tal fato mostrou a importância desses produtos para esses dois países, o que pode, novamente, direcionar políticas de estímulo à exportação (Figura 7).

FIGURA 7 – NORDESTE - MERCOSUL: DESTINO DOS PRODUTOS EXPORTADOS DO SETOR 74 E 64 (2014)



Fonte: BRASIL, 2015b. Elaboração própria.

Considerações finais

A trajetória ascendente da corrente de comércio da região Nordeste com o mundo, nos anos 2000, esteve fortemente associada à expansão das transações comerciais com a China. Assim, a performance das exportações nordestinas seguiu a movimentação da economia nacional, revelando resultado de políticas, ainda que modestas, de estímulo às exportações, aliado ao dinamismo da economia mundial que refletiu no comportamento de seus principais parceiros.

Neste contexto, nota-se a sustentação das parcelas na pauta exportadora regional para o MERCOSUL, o qual inclui produtos não *commodities*, com significativo peso relativo nessa pauta e cujos preços não estão sujeitos às oscilações da demanda mundial, como foi o caso de automóveis e calçados enviados para o MERCOSUL, presente na pauta de vendas externas regionais em 2014. Essas características setoriais mostram as transformações ocorridas na estrutura industrial da Região nas últimas décadas, onde ocorreu maior investimento em indústrias que agregam maior valor aos produtos nordestinos.

No período 2002-2014, os países do MERCOSUL elevaram suas compras da Região em torno de 9% do valor total exportado pelo Nordeste e constatou-se que, ainda, em 2008, ano em que a crise deflagrou mundialmente, o MERCOSUL continuou consumindo cerca de 10% dos produtos nordestinos apesar de ter registrado leve queda em 2009.

Em termos estaduais, as participações das exportações para o MERCOSUL, mostrou a representatividade de quatro Estados, tanto em 2002 quanto em 2014, foram eles: Bahia, Maranhão, Ceará e Pernambuco, que, juntos, responderam, em 2002, por 98% do valor total exportado pela Região para esse destino. Em 2014, os mesmos Estados concentraram 97% das vendas externas, estando, assim, distribuídas: Bahia (68,3%), Pernambuco (73,9%), Ceará (8%) e Maranhão (7,24%). Os Estados do Ceará e de Pernambuco, em especial, ganharam participação nas exportações nordestinas para esse Bloco, tendo sido o avanço do Estado de Pernambuco o mais expressivo, cerca de 108%; enquanto o Estado do Maranhão perdeu participação em cerca de 53%.

Apesar de o Bloco ser o principal consumidor de produtos regionais de média alta, média baixa e baixa intensidade tecnológicas, notou-se que apenas um conjunto de doze setores exportadores da Região para o Bloco foi responsável por mais de 90% do valor das vendas totais para este destino em 2014. Dentre esses, estavam: veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres; produtos químicos orgânicos; e cobre e suas obras.

Desta forma, identificaram-se os destinos das exportações destes setores para os principais países parceiros da Região no interior do Bloco em 2014. Constatou-se que a Argentina apareceu como principal destino das vendas

regionais para os setores citados. Tal fato revelou a fortíssima concentração das compras dos produtos nordestinos em um único país, adquirindo, principalmente, automóveis e calçados de maneira crescente ao longo dos anos.

No entanto, vale ressaltar que as exportações brasileiras para a Argentina vêm caindo desde o segundo semestre de 2014. E, nesse contexto, dois setores exportados para esse destino pela região Nordeste foram afetados e poderão sofrer mais intensamente no médio e longo prazo: automóveis e calçados. O aprofundamento da crise econômica naquele país é responsável, em grande parte, pela retração das vendas desses dois setores para o mercado argentino. De seu lado, a entrada da China como parceiro comercial de primeira ordem desse país deslocou o Brasil da primeira posição. Recentemente, já se delinham várias restrições burocráticas às compras dos produtos brasileiros, o que gera certa insegurança no cenário brasileiro. No setor de automóveis o forte impacto já se fez sentir no início de 2015. Enquanto no setor calçadista, as vendas encolheram de forma significativa nos dois últimos anos da análise. Nessa conjuntura, a China ocupa importante janela de oportunidade para ofertar seus produtos no MERCOSUL, em particular na Argentina.

Esta conjuntura evidencia que a Região vem se deparando com janelas de oportunidades cada vez mais restritas, e que se não for acompanhada de políticas comerciais mais intensas e direcionadoras aos principais setores de destaque, nesta relação bilateral, poderá ocasionar perdas constantes de vantagens comparativas, prejudicando, portanto, a parceria sustentada do comércio regional com o referido Bloco.

Referências

- Balassa, Bela. (1977). "Revealed comparative advantage revisited: analysis of relative export share of industrial countries, 1953-1971". *Manchester School of Economic and Social Studies, Manchester, Manchester University Press*, v.45, p. 327-44.
- Bennati, Adriana. (2011). "A Presença da China no Mercosul: implicações sobre o processo de integração". III Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa "San Tiago Dantas" (UNESP, UNICAMP e PUC/SP). URL [on line]: http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos2011/adriana_bennati.pdf. Acesso em 02 de fevereiro de 2016.
- Brasil. (2014). Ministério das Relações Exteriores. "Mercosul Comércio Exterior: intercâmbio comercial com o Brasil". URL[on line]: <http://www.brasilexport.gov.br/sites/default/files/publicacoes/indicadoresEconomicos/ComExtMERCOSUL.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.
- _____. (2015a). Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio. URL [on line]: <http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/index.php?area=5>. Acesso em fevereiro/março de 2015.

- _____. (2015b). Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio. “Plataforma aliceweb2”. URL [on line]: <http://www.aliceweb2.gov.br>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.
- De Souza, Nali. J. (1980). “Conceito e Aplicação da Base Econômica”. *Revista Perspectiva Econômica da UNISINOS*. São Leopoldo, RS, v. X, n. 25, p. 117-130.
- Grubel, H.G. & Lloyd, P.J. (1975). “*Intra-industry trade: the theory and measurement of international trade in differentiated products*”. London: MacMillan Press.
- Krugman, P.R. & Obstfeld, M. (2005). “Economia Internacional: teoria e política”. Tradutor técnico Eliezer Martins Diniz. São Paulo; Pearson Addison Wesley.
- Lafay, G. (1990). “Le Mesure des Avantages Comparatifs Reveles”. *Economie Prospective Internationale*, v. 1, n. 41, p.27-43.
- Michaely, M. (1997). *Theory of commercial policy: trade and protection*. Oxford: University of Chicago Press.
- Melo, Maria C. P. de. (2007). “*Intensidade tecnológica e comércio externo da Região Nordeste: uma qualificação das pautas estaduais no período recente*”. Anais do X Seminário sobre Modernização Tecnológica Periférica, Recife. URL [on line]: http://www.ric.ufc.br/biblioteca/cristinamelo_a.pdf. Acesso em 28 de janeiro de 2016.
- _____, & BRAGA, F. L. P. & Holanda, D. R. (2014). *O Comércio Exterior do Nordeste Brasileiro e seu Fluxo Caudatário*. São Paulo. Editora Nelpa.
- Moreira, Uallace. (2012). “Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa”. *Revista de Economia Política*, vol. 32, n° 2, pp. 213-228.
- Munduruca, F. V. & Santana, J. R. de. (2012). *Comércio Exterior como Estratégia de Crescimento Econômico: Uma Proposta de Priorização de Produtos Exportáveis para a Economia Sergipana*. Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Documentos Técnicos Científicos. Volume 43, Nº 03.
- Oliveira, N. M. de & Nóbrega, A. M. & Medeiros, M. R. (2012). “Desenvolvimento Econômico e Regional Segundo a Teoria da Base de Exportação”. *Revista Tocantinense de Geografia (RTG)*. Ano 1, n° 01, p. 51-65.
- Sarquis, Sarquis J. B. (2011). “*Comércio internacional e crescimento econômico no Brasil*”. Fundação Alexandre de Gusmão. URL[on line]: <http://funag.gov.br/loja/download/864-com%C3%A9rcio-internacional.pdf>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.
- Siqueira, K. B. & Pinha, L.C. (2011). “Vantagens comparativas reveladas do Brasil no comércio internacional de lácteos”. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento. Embrapa Gado de Leite. URL[on line]: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/57092/1/BOP-34-Vantagens-comparativas-reveladas-do-Brasil-no-comercio-internacional-de-lacteos.pdf>. Acesso em 21 de janeiro de 2016.
- Tremea, N. J. C. & Consolmagno, B. M. R. & Machoski, E. (2014). “Relações comerciais do Brasil e da Argentina no MERCOSUL”. *Revista ADMpg Gestão Estratégica*. v. 7, n. 1, p.45-51.
- World Bank. (2015). “Commodity price forecast”. URL[on line]: <http://www.worldbank.org/pt/country/brazil>. Acesso em fevereiro/março de 2015.